

O ICOMAM RIO 2008 E O PRIMEIRO ALMIRANTE

“A soberania que vivemos hoje nos foi legada pelos nossos antepassados; a soberania que construímos hoje é a que os nossos descendentes terão.”

D. João VI (1767-1826)

PETRONIO R. G. MUNIZ*
Advogado

SUMÁRIO

Considerações e uma proposta oportuna
A verdade comprovada
Uma revisão imperiosa
Uma proposta oportuna

A sigla Icomam é praticamente indecifrável para os não iniciados. Na língua dos irredutíveis ilhéus significa International Committee of Museums, Collection of Arms and Military History. No vernáculo, Comitê Internacional de Museus, Coleção de Armas e História Militar.

O congresso da entidade no Ano da Graça de 2008 teve lugar na Muy Leal e Heroica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, promovido pela Marinha do Brasil por meio de sua Diretoria do Patrimônio Histórico

e Documentação, com a presença de 15 países – um êxito incontestado.

O evento foi registrado em anais/relatório bilíngue publicado pela promotora. Dentre os artigos apresentados, sobrelevamos a exposição do diretor do Museu Nacional da Escócia, Stuart Allen.

CONSIDERAÇÕES E UMA PROPOSTA OPORTUNA

Embora discordando do título “Liberdade e saque; Cochrane e os escoceses na

* O autor é presidente do Conselho Deliberativo do Pátria – Instituto Brasileiro de Cidadania Ativa.

América do Sul”, pela infeliz e subliminar conotação, vale transcrever:

“*Cochrane¹ chegou ao Chile em 1818, atrás de muitos dos seus conterrâneos com menos status, alguns dos quais serviram nas Marinhas do Chile e do Brasil, porém muitos se uniram aos exércitos do Norte, liderados por Simón Bolívar.*

Como para todos eles, o dinheiro era o fator crucial. A jornada até a América do Sul oferecia aventura e uma causa considerada honrada e progressista pelo público britânico; uma Comissão como oficial e a possibilidade de enriquecer eram as prioridades maiores.

Os homens que seguiram para a América do Sul eram mais propensos a apoiar a causa da independência, mas também estavam à procura da sobrevivência.”

* * *

“*Como Cochrane, eles eram homens com poucas oportunidades nas condições prevalentes em casa.*”

Daí para serem acoimados genericamente de mercenários apátridas, de ambiciosos sem

escrúpulos, de bandidos, de salteadores por alguns dos nossos historiadores, *data vênia*, medeia um fosso intransponível. Juízos de valor sem o conhecimento completo da verdade dos fatos são muito fáceis de fazer. Temerários, contudo.

Escrever em um confortável e moderno escritório, livre de riscos de qualquer natureza, talvez até bebendo um *scotch* (sem trocadilhos), é muito diferente de “rizar o velame” em plena tempestade, ser vítima do odioso sistema das *press gangs*, virar “bucha para canhão” em mortíferos combates, ter os membros amputados sem anestesia e viver confinado meses a fio em “túmulos flutuantes” no tempo das Marinhas a vela.

Emitir opiniões aligeiradas sobre épocas passadas, com costumes e legislação inaceitáveis em tempos atuais, envolvendo pessoas ou coletividades, sem atentar para a conjuntura, *permissa venia*, é perigoso e até desonesto.

Não temos hoje condições para julgar o *prize money* – o dinheiro das presas, imemorial na prática marítima. Ao historiador



Talim que pertenceu ao Primeiro-Almirante da Armada Imperial, Lord Thomaz Cochrane. Foi doado ao Museu Naval, em 19 de setembro de 1972, pelo Primeiro Lorde do Almirantado britânico.

1 O Almirante Lord Cochrane possuía um caráter singular e complexo. Dono de uma audácia incomum e de uma coragem pessoal ilimitada, mantinha os seus pontos de vista sem olhar os adversários. Tal conduta lhe grangeou inimigos poderosos dentro do próprio Almirantado britânico, alvo de suas reiteradas denúncias de corrupção.

Cochrane jamais ouviu opiniões e conselhos. Sempre agiu como se estivesse na guerra combatendo inimigos. Sua mente radical, simplista e dicotômica, que lhe serviu magistralmente nos combates, não lhe seria útil em outras ocasiões e outros terrenos. O preço pago foi altíssimo. Uma coisa é certa: o Almirante foi vítima de um “processo político”. Condenado por provas circunstanciais, sem culpa provada “além de toda dúvida razoável” (*beyond all reasonable doubt*), como determinava a legislação britânica vigente para os processos-crime, Cochrane foi posteriormente reabilitado pela Rainha Vitória, sendo enterrado na Westminster Abbey, onde se encontram Nelson, Wellington, Darwin e outros heróis britânicos civis e militares.

Três chanceleres do Reino, em revisão do processo, concluíram pela existência de falhas insanáveis. O réu não poderia ter sido condenado com base nas acusações imputadas (baseado em comentário no Google sobre o livro de Brian Vale).

competente lidar com lisura a realidade fática, Imparcialmente. Após esgotar todas as fontes. Sobretudo as primárias.

Em resumo: constitui algo comprovadamente imprudente julgar o pretérito por modernas concepções.

De resto, falando sem reboços, quem não gosta de dinheiro? Qual de nós agiria diferentemente sobrevivendo a meio-soldo?

Ademais, sobre Lord Cochrane pesava o fardo infamante de uma acusação, inaceitável para um homem do seu temperamento, sua estirpe e sua posição.

Teria sido ele cúmplice de fraudulenta manipulação da Bolsa de Valores de Londres em seu proveito, o que lhe valeu um processo criminal, uma multa pecuniária, cassação do mandato no Parlamento, expulsão da Marinha Real e da Honorífica Ordem do Banho (Order of the Bath).

Como suprema injúria, exibição diária no pelourinho. Uma sentença de tal modo degradante que motivou até um protesto de Napoleão Bonaparte, seu arqui-inimigo. Julgamento, diga-se de passagem, não pacificado até a presente data.

Esses fatos, porém, não dizem respeito a nós do Brasil. Nem devem influir no nosso julgamento sobre a decisiva contribuição prestada pelo Primeiro Almirante na recém-criada Marinha Nacional imperial nos cruciais momentos da Independência.

Aos brasileiros não cabe indagar as razões ou motivos do seu comportamento. Nem muito menos perquirir a “irritabilidade e a patologicamente suspeita personalidade que destruiu a harmonia com todos aqueles

com quem trabalhou” (*apud* N.A.M. Rodrigues, University of Exeter).

Repensemos com frieza e pragmatismo. Qual o verdadeiramente grande vulto da história humana de biografia inatacável, imaculada, impoluta, incontroversa? Grandeza, aristocracia e pobreza nunca se coadunaram.

Sem adentrarmos no assunto, aquela discutida ocorrência

encontra isenta análise no pequeno/grande livro intitulado *Almirante Lorde Cochrane – uma figura polêmica*, de autoria do Almirante Helio Leoncio Martins, renomado historiador naval brasileiro. Livro que clama por uma reedição revista e ampliada.²

Sobre Lord Cochrane pesava o fardo infamante de uma acusação, inaceitável para um homem do seu temperamento, sua estirpe e sua posição

Repensemos com frieza e pragmatismo. Qual o verdadeiramente grande vulto da história humana de biografia inatacável, imaculada, impoluta, incontroversa?

2 A extraordinária existência do Almirante Lord Cochrane tem ensejado uma pletora de livros. Além dos citados na bibliografia, podemos acrescentar os seguintes: 1 – Cordingly, D. – *Cochrane. The Dauntless*; 2 – Cordingly, D. – *Cochrane, The Real Master and Commander*; 3 – Grimble, I. – *The Sea Wolf*; 4 – Vale, B. – *The Audacious Admiral Cochrane*; 5 – Dale, R. – *Napoleon is Dead*; 6 – Cecil, H. – *A matter of speculation*.

Todas essas obras constituem sérios e criteriosos estudos em busca da verdade.

Na mesma linha, ainda sobre o nosso Primeiro Almirante transcreveremos por justiça as palavras ►

A VERDADE COMPROVADA

“*Contra os fatos não há argumentos.*”

Historicamente é consabido ter a Armada consolidado a Independência “integrando no Império as províncias do Norte” e evitando destarte que o Grito do Ipiranga se desvanecesse na vastidão do Atlântico.

“*As ações da recém-formada esquadra nacional (anglo-brasileira, para sermos mais precisos) sob o comando do Primeiro-Almirante (posto hierárquico exigido pelo Lord Cochrane para a chefia-geral da Armada e das operações navais) excederam as melhores.*

Em apenas seis meses – abril a setembro de 1823 –, reverteu o quadro militar existente. Determinou a expulsão do exército português da Bahia com o suporte de uma força naval extremamente mais poderosa. Perseguiu-a através do Atlântico até a foz do Tejo, apreendendo-lhe 78 navios. Ocupou as cidades de São Luís, no Maranhão, e Belém do Pará, forçando o retorno das respectivas guarnições para Portugal, e isolou o restante da tropa reinol em Montevideú, levando-a posteriormente à rendição.

Sob qualquer ótica e em todo tempo, a atuação do Primeiro Almirante e seu Band of Brothers ultrapassou o excepcional.”³

Feitos d’armas de difícil superação e impossíveis de esquecimento por sua ha-

bilidade, *seamanship* e ousadia, nos anais da Guerra da Independência. (Cochrane já tinha sido apodado pelos espanhóis de “El Diablo”, devido às suas incríveis façanhas.)

Dessa incrível saga participaram seus *captains* John Pascoe Grenfell, Thomas Sackville Crosbie, John Taylor, James Norton, Shepherd, o americano David Jewett e outros, assim como os quase 600 marinheiros, ex-Royal Navy, contratados como trabalhadores rurais por ordem de José Bonifácio, o Patriarca da Independência.

O convite imperial a Lord Cochrane foi concludente:

“Venha, Milord, a honra vos convida e a glória vos chama; confie no reconhecimento brasileiro e na munificência do Príncipe, e na probidade sem mácula do atual governo.”

Uma convocação de quem sabia perfeitamente com quem estava lidando.

Quando se acusar o Primeiro Almirante de ambição desmesurada e até mesmo de desonestidade é bom lembrar os termos do convite e ter em mente que o *prize money* igualmente constava da legislação brasileira e que os apresamentos feitos passavam todos por uma Corte ou Tribunal de Presas para exame e legalização.

In casu aquele colegiado, somente no ano de 1865, 42 anos após os apresamentos, emitiu a sentença final. O velho Lobo do Mar falecera havia cinco anos.

Sob qualquer ótica e em todo tempo, a atuação do Primeiro Almirante e seu Band of Brothers ultrapassou o excepcional

► do já mencionado historiador naval brasileiro às fls.13 de sua obra:

“Não há dúvidas de que Lorde Cochrane dava especial importância a que o sucesso financeiro acompanhasse o sucesso bélico. Além de tal característica ser parte de sua personalidade (é anedótico entre os ingleses o gosto dos escoceses pelo dinheiro), ainda devem ter colaborado para isto a reação contra a pobreza de sua infância e os costumes de guerra na Europa, onde o lucro correspondia a tudo o que se conseguisse apresar ou conquistar. Este conceito, aliás, não interferia com o espírito patriótico, ideário ou apego à causa que o recebedor abraçava. Era complementar.”

3 “A questão das presas” – Conferência pronunciada pelo autor no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), publicada na revista *Navigator*, nº 1, jun./jul. 2005, Ed. Serviço de Documentação da Marinha.

O montante de 9.450 libras foi entregue ao herdeiro, que, discordando da sentença, solicitou o pagamento adicional de 77.750 libras, matéria resolvida por arbitragem internacional.

A Comissão de Arbitragem, instalada em 1873 (50 anos após os apresamentos), em pouco mais de sete meses concluiu a tarefa que a Corte de Presas necessitou quase meio século para fazê-lo!

Admitiu o “descumprimento de várias promessas, atrasos e longas demoras no pagamento”, reconhecendo o Primeiro Almirante fazer jus à reparação pecuniária no valor de 38.675 libras paga integralmente pelo Governo Imperial com quitação completa de quaisquer outras dívidas (ver obra citada na transcrição anterior).

UMA REVISÃO IMPERIOSA

“Pormenores não devem ser suscitados até que o todo tenha sido estudado.”

Samuel Johnson (1702-1784)

“Um homem só se mede no fim.” Um aforismo veraz bem aplicável ao Primeiro Almirante. O exemplo chileno aí está. Para esse país amigo, Cochrane é um herói nacional, um dos Libertadores da Pátria. Cinco navios de sua Marinha de Guerra já lhe honraram a memória. (Por sinal, o último baile do Império, na Ilha Fiscal, realizou-se em homenagem à oficialidade do encouraçado chileno... *Almirante Cochrane.*) É bom não deslembrar.

Lamentavelmente, “em nossa Marinha não se conserva nenhuma recordação do

homem, do Almirante, ou o seu nome estampado na popa de um navio ou na fachada de um prédio” (op. cit. pg. 6, Alte. Helio Leoncio Martins).

Gostem ou não alguns dos escrevinhadores de nossa história (antigos e modernos), o nosso Primeiro Almirante, Lord Alexander Thomas Cochrane, 10^o Count of Dundonald, Marquês do Maranhão, membro do Conselho Privado do Império, agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do

**Alexander Thomas
Cochrane, membro do
Conselho Privado do
Império, agraciado com
a Grã-Cruz da Ordem
do Cruzeiro do Sul, deve
incluir-se no rol dos heróis
da Pátria brasileira a
reverenciar**

Cruzeiro do Sul, deve incluir-se no rol dos heróis da Pátria brasileira a reverenciar. Jamais um “herói maldito” a ser esquecido.

Insubsistem argumentos ou escusas para justificar o vergonhoso silêncio imposto à sua memória. “Há silêncios, porém, ensurdecadores.”

Desvalida a Pátria da atuação de Cochrane (cujo nome apenas valia por uma frota), os resultados do impetuoso Grito do Ipiranga seriam certamente bem outros. O “Independência ou Morte” poderia ter sido o epitáfio de uma nascente nação. Para nós do Brasil é o que importa. E o que conta.

Uma revisão oficial de conceitos avulta manifesta. E mais que isso. Exurge imperiosa. Impõe-se com urgência. Urgentíssima.

O corajoso livro do Almirante Helio Leoncio Martins representa, a nosso ver, o “suspender” para esse resgate histórico manifestamente tardo.

* * *

“História – preleciona John Lukacs – significa repensar interminavelmente, bem como

revisar e revisitar o passado. A História, no sentido amplo da palavra, é revisionista.”

UMA PROPOSTA OPORTUNA

“*Um país sem passado é um país sem futuro.*”

Rui Barbosa

A Marinha do Brasil prepara o seu próximo reequipamento com base no Plano de Articulação e Equipamento da Marinha do Brasil (PAEMB-2010)⁴, um projeto, ao nosso sentir, tão ambicioso que dificilmente será efetivado na integralidade. Sofrerá as amputações costumeiras.

Todavia nele encontram-se previstas: a) a revitalização das três fragatas remanescentes da classe *Greenhalgh*; b) a construção de um lote inicial de três novas unidades desse tipo de navio, de 6 mil toneladas (com opção para mais duas).

Por que não os designar de classe *Independência*? O Bicentenário está às portas. Por que não batizar uma delas *Primeiro Almirante* e as demais outras *Imperador Constitucional* e *Patriarca da Independência*?

As outras duas fragatas (também previstas no PAEMB-2010) poderiam receber os históricos e sugestivos nomes de *Sete de Setembro* e *Marquês de Barbacena*, esta última como um preito de reconhecimento pela decisiva atuação de Felisberto Caldeira Brant no processo de criação da Marinha Imperial e da contratação do nosso futuro Primeiro Almirante.

A classe *Independência* estaria então representada *summa cum lauda* na *Revista Naval do Bicentenário*, em 2022.

Resgatar-se-ia uma dívida de dois séculos mantendo-se as tradições marinheiras. Nomes diretamente vinculados à história pátria e à Força Naval que a garantiu em sua hora mais sublime. Além do mais, esses nomes teriam características propedêuticas. Sempre seria necessário explicar adicionalmente quem foram os titulares cujos nomes estariam nas belonaves mais modernas e poderosas da Armada nacional. E as novas gerações não chegariam ao Bicentenário da Independência como “desmemoriadas da Pátria”. A História do Brasil seria servida. E a Marinha manteria a sua honrosa primazia.

Acolhida essa *fair proposal* – oportuna em todos os sentidos –, o Icomam Rio 2008 teria um *grand finale* inesperado e grandioso.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<NOMES>; Cochrane; História da Marinha do Brasil; Guerra da Independência; Fragata;

⁴ Plano de Articulação e Equipamento da Marinha do Brasil-2010, www.mar.mil.br